

ANCESTRALIDADE NO CUIDADO À SAÚDE: EXPERIÊNCIAS DE UMA ESTUDANTE INDÍGENA NA INICIAÇÃO AO ENSINO

**MAIARA RODRIGUES¹; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA²; TEILA CEOLIN³,
JULIANA GRACIELA VESTENA ZILLMER⁴**

¹Universidade Federal de Pelotas – mayarrarodrigues74@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – teila.ceolin@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – juliana.graciela.ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A ancestralidade, é um processo de retomada de contato como uma dimensão que nos compõe como povos, culturas e sociedades. Nesta perspectiva da ancestralidade, o cuidado em saúde e os saberes populares e tradicionais se articulam e se complementam, possuindo o território enquanto eixo estruturante.

É na relação horizontal que se manifestam diálogos, produções e concretudes acerca do cuidar, em que, para além de modelos hegemônicos, é necessário visualizar e legitimar que práticas tradicionais de saúde são simbologias de resistência. Desse modo, o diálogo intercultural é essencialmente construtivo e desestruturativo, e para isso é fundamental que revisemos nossas práticas, questionarmos nossos saberes e, sobretudo, que permitamos a novas formas e possibilidades de cuidar (SANTOS; SANTOS, 2020). A interculturalidade pode ser considerada como elemento essencial para compreender a ancestralidade, e aponta para a necessidade de resgatar práticas tradicionais no cuidado à saúde.

Nesse cenário, a Faculdade Enfermagem da UFPel desenvolve o Projeto de Ensino “Grupo de Estudos sobre Ancestralidade no Cuidado à Saúde” (ZILLMER *et al.*, 2023), que se articula com o Projeto de Extensão das Práticas Integrativas e Complementares na Rede de Atenção em Saúde (PETER *et al.*, 2022), ambos se propõem a potencializar e sustentar teoricamente e na prática ações sobre este tema. A Faculdade Enfermagem da UFPel possui um currículo integrado que tem por objetivo formar enfermeiros generalistas para atender as demandas de saúde e doença da população atendida pelo SUS (UFPel, 2013). Somado a isso, identifica-se que é crescente o número de estudantes ingressantes, indígenas e quilombolas decorrentes da Política de Ações Afirmativas.

Possibilitar a participação de estudantes no Grupo de Estudos sobre Ancestralidade no Cuidado à Saúde, estimula o interesse em desenvolver atividades que aproximam ainda mais a teoria e prática, além de promover o interesse pelo curso e logo, a permanência na Universidade. Diante do apresentado, o presente trabalho tem objetivo descrever as experiências de uma estudante indígena na iniciação ao ensino no Grupo de Estudos sobre Ancestralidade no Cuidado à Saúde e refletir sobre a contribuição na formação como enfermeira.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência a partir das minhas vivências, primeira autora deste resumo, como estudante indígena na iniciação ao ensino no Grupo de Estudos sobre Ancestralidade no Cuidado à Saúde (6356). Este Grupo iniciou seus encontros em março de 2023, totalizando seis encontros até agosto de 2023.

Relatarei as atividades desenvolvidas dentro do grupo como bolsista indígena no período de maio a agosto do presente ano. O Grupo teve 15 participantes, destas três docentes, duas estudantes de pós-graduação, e setes estudantes de graduação.

As atividades que irei descrever correspondem aos encontros presenciais que ocorrem mensalmente na quarta segunda do mês, das 13h30 às 15h30, em uma sala de aula na Faculdade de Enfermagem. Os encontros são coordenados pela professora coordenadora e professoras colaboradoras, e contam com a participação de estudantes da graduação, pós-graduação, docentes e profissionais de saúde. Estes são abertos à participação da comunidade acadêmica, além e pessoas da comunidade externa. Logo, a dinâmica de cada encontro ocorre mediante a formação de uma roda de conversa, procedendo leitura “linha a linha” de textos, livros clássicos e artigos, sobre a ancestralidade no cuidado à saúde. Paralelo a leitura ocorre o diálogo que mobiliza as participantes a desenvolverem a reflexão e problematização, construção de perguntas reflexivas, compartilhamento de bibliografias que possibilitam ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o tema. Para este resumo utilizarei o plano de trabalho desenvolvido, as minhas reflexões e anotações elaboradas nos encontros Grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para responder o objetivo deste resumo os resultados são organizados em dois temas: Leituras e temas desenvolvidos no grupo e Contribuições na e da iniciação ao ensino: notas da estudante indígena.

Leituras e temas desenvolvidos no Grupo

Os textos lidos correspondem ao “Futuro ancestral” (KRENAK, 2022), e “Religião, religiosidade, espiritualidade, ancestralidade: tensões e potencialidades no campo da saúde” (CUNHA; ROSSATO; SCORSOLINI-COMIN, 2020).

O autor do primeiro texto é Ailton Alves Lacerda Krenak, nasceu em 1953, no território do Povo Indígena Krenak, na Região do Vale do Rio Doce, Minas Gerais. Mudou-se aos 17 anos para o Paraná com a família, lá foi alfabetizado e tornou-se produtor gráfico, jornalista. Considerado uma das maiores lideranças do Movimento Indígena Brasileiro, com reconhecimento internacional pela trajetória.

A obra “Futuro ancestral” foi lançada em 2022, e é composta por textos produzidos entre os anos de 2020 e 2021. Nela a partir de suas experiências e reflexões explora a ideia de futuro. Inicia a obra narrando uma prática de meninos do Povo Yudjá, que enquanto remavam uma canoa, diziam que estavam ou quase chegando perto de como era antigamente - “esses meninos que vejo e minha memória não estão correndo atrás de uma ideia prospectiva do tempo, nem de algo que está em algum outro canto, mas do que vai acontecer exatamente aqui neste lugar ancestral que é seu território, dentro dos rios” (KRENAK, 2022, p. 6). Tal narrativa descreve a ancestralidade como sendo o tecer do passado, presente e futuro, constituindo-se em uma teia de relações e interações que nós conectamos (ZILLMER, et al., 2023).

Desde sua juventude Ailton Krenak vem sendo importante militante na defesa do meio ambiente e dos povos indígenas para a conquista de direitos. A escolha por este autor indígena e obra é justificada pelo convite que faz e pelo diálogo com a ancestralidade articulando cuidado e o planeta em que vivemos.

Já o segundo texto corresponde ao tema, religião, religiosidade, espiritualidade e ancestralidade. Trata-se de um texto teórico, que define, contextualiza, e problematiza tais conceitos. São conceitos que perpassam a

experiência humana e são resgatados, ao longo da história, através da cultura, arte, poesia, música, e tantas outras expressões, assim como no cuidado à saúde (CUNHA; ROSSATO; SCORSOLINI-COMIN, 2020). Nesse contexto, religião, religiosidade e espiritualidade são fenômenos distintos e, por vezes, difíceis de se diferenciar, mas podem estar articulados.

A religiosidade se manifesta de diferentes formas, incluindo um modo mais intenso ou mais distanciado, a adoção e participação em ritos institucionais. Assim, abre-se a possibilidade de vivências de religiosidade mais institucionalizadas e coletivas, e expressões mais individuais e sem vínculo institucional (CUNHA; ROSSATO; SCORSOLINI-COMIN, 2020). Já a espiritualidade vem se destacando no campo da saúde, pela sua relação com o que é sagrado e transcendente. A ancestralidade ganha espaço até mesmo em substituição aos termos religião, religiosidade e espiritualidade. Isto porque ela permite compreender que a existência individual não é apenas uma existência coletiva, mas uma existência histórica, ancestral (CUNHA; ROSSATO; SCORSOLINI-COMIN, 2021). A escolha deste texto é justificada pelo interesse de expressar os diferentes sentidos e contextos de cada um desses conceitos. Trata-se de buscar abordá-los no campo da saúde, como constituinte do cuidado integral e humano, ultrapassando o modelo biomédico e hegemônico.

Contribuições na e da iniciação ao ensino: notas da estudante indígena

Estive presente no Grupo, junto às professoras do projeto, estudantes da graduação, e pós-graduação. Como indígena, carrego comigo a ancestralidade e os marcos passados dos meus antecessores, trazendo também a história das minhas lutas e vivências como indígena, mulher, neta e filha. Vivencio inúmeros obstáculos, e tento enfrentá-los a partir de estratégias de resistência cultural, política, étnica e de espaço.

Ao dialogar sobre a ancestralidade cito Krenak (1999, p. 27), quando fala sobre os velhos, “você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porquê assim você sabe quem você é e para onde você vai”. E é esse o meu lugar de fala, um lugar que busco ocupar para desenvolver o meu papel como estudante indígena. O Grupo é um dos espaços em que me são ofertados, é tem sido importância para meu desenvolvimento pessoal, como estudante, e como futura enfermeira indígena. É no Grupo que também busco sustento teórico para complementar e refletir sobre minhas práticas e saberes.

O Projeto de Ensino tem como objetivo resgatar a ancestralidade no cuidado à saúde considerando aspectos teóricos e práticos dialogando a partir de pensadores latino-americanos. Como estudante indígena e uma apreendedora tenho a possibilidade de ampliar e aprofundar o que a ancestralidade pode nos ensinar sobre identidade, pertencimento, criatividade e memória. Busco contribuir na construção de espaços e formação que valorize os saberes ancestrais.

Venho contribuindo no Grupo de forma ativa, promovendo a interação e despertando o interesse dos participantes. Construí infográfico e cards sobre temas e os encontros a fim de divulgar a agenda do Grupo. Também organizei os textos de ancestralidade para que os participantes acessassem o conteúdo trabalhado como ferramenta de estudo. Diante disso, estou em constante aprendizado na relação e no diálogo com outras estudantes e professoras.

O Grupo, me propicia abertura para troca de saberes, conhecimentos historicamente, construídos e passados de geração em geração. Alguns exemplos como, falar sobre as nossas formas de conviver dentro das comunidades indígenas, dos cuidados com a Mãe Natureza, e de enfatizar a importância das plantas medicinais em nossas vidas. Estes exemplos, são alguns dos saberes que

entendo serem necessários compartilhar no espaço acadêmico. Saberes que são passados para nós ainda como crianças.

A interação e a troca que ocorre no Grupo fortalece o resgate da ancestralidade e permite expressar minhas vivências culturais como indígena fazendo conexões com a área da saúde. Para mim, estar na roda, possibilita uma relação mais humana e de respeito, com cada um que participa dela. A leitura de textos sobre a ancestralidade reforça a necessidade da interculturalidade no cuidado à saúde. Assim, entendo que é um espaço de valorização de todos os saberes, construindo, não apenas conhecimentos, mas de experiências vividas.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho possibilitou contar as experiências na iniciação no ensino em um grupo de estudos que discute sobre a ancestralidade no cuidado à saúde. A experiência como estudante indígena, tem sido enriquecedora para o meu desenvolvimento, tanto pessoal, quanto acadêmico. Estar no Grupo me proporciona a sensação de pertencimento e inclusão no espaço da universidade, pois ao estar em uma universidade pública não estou representando somente a mim, mas toda a minha família, meu povo, minha etnia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, V.F.da.; ROSSATO, L.; SCORSOLINI-COMIN, F. Religião, religiosidade, espiritualidade, ancestralidade: tensões e potencialidades no campo da saúde. **Relegens Thréskeia: Estudos e Pesquisa em Religião**. v. 10, n. 1, p.143-170. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/rt.v10i1.79730>. Acesso em: 6 set. 2023.

KRENAK, A. Futuro ancestral. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A. O eterno retorno do encontro. In: Org. ADAUTO, Novaes. **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PETER, L. S. et al. Ações ofertadas pelo Projeto de Extensão Práticas Integrativas e Complementares na Rede de Atenção em Saúde à comunidade. In: IX Congresso de Extensão e Cultura, 2022, Pelotas-RS. **Anais do IX Congresso de Extensão e Cultura**. Pelotas (RS): Universidade Federal de Pelotas, 2022, v. 9, p. 53-6. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2022/12/2022SAUDE.pdf> Acesso em: 21 set. 23.

SANTOS, R. C. dos; SANTOS, R. C. dos. Ancestralidade e produção de saúde na comunidade indígena Xokós, Sergipe: a educação popular como proposta de formação pelo diálogo intercultural. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, p. 160-175, 2020. Disponível em: DOI: 10.14393/REP-2020-53173. Acesso em: 6 set. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPEL. Faculdade de Enfermagem. **Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem**. Pelotas, 2008. 21p.

ZILLMER, J.G.; OLIVEIRA, S.G.; CEOLIN, T. **Grupo de Estudos sobre Ancestralidade no Cuidado à Saúde**. Pelotas, 2023. 05p.